



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL VIOLÊNCIA E CONFLITOS
SOCIAIS: TERRITORIALIDADES E NEGOCIAÇÕES

Fortaleza-CE, 02 a 05 de dezembro de 2014.

UM ESTUDO SOBRE A CONSCIENTIZAÇÃO DE ALUNOS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE ITABORAÍ/RJ SOBRE RISCOS, VULNERABILIDADE E DESASTRES: contribuição para o desenvolvimento da cultura de risco.

Maria Beatriz Costa Soares¹

Fernando Cordeiro Barbosa²

Resumo

O presente artigo tem como propósito apresentar um trabalho de pesquisa O presente estudo desenvolveu-se a partir do Projeto Itaboraí Cidade Segura, iniciado em 2011, com a parceria estabelecida entre a Universidade Federal Fluminense (UFF) – Mestrado em Defesa e Segurança Civil – e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Itaboraí/RJ - Brasil, tomando como base a proposição do Projeto Cidade Segura, da Estratégia Internacional para Redução de Desastres (EIRD/ONU), de tornar as cidades mais resilientes aos desastres, construindo comunidades urbanas mais seguras e sustentáveis. O município de Itaboraí foi escolhido, visto que o modo como vem se desenvolvendo acabou por gerar inúmeros riscos para quem habita a região, potencializando os problemas já existentes e implementando novos. Com o objetivo de identificar e mitigar esses riscos, fazendo com que esse município seja mais resiliente, demandou uma pesquisa, à princípio, com quem deve ser protegido: a população local. Conforme a Defesa Civil no Brasil, os sistemas de ensino devem colaborar na promoção da mudança cultural, relacionada com a cidadania participativa, com a segurança global da população e com a redução dos desastres e das vulnerabilidades dos cenários e das populações em risco. Decidiu-se, portanto, colher as informações dessa população, tomando-se como premissa que o trabalho de aumento da percepção de risco no Brasil passa pelas escolas. Dessa forma, esse trabalho visa contribuir para o reconhecimento da importância que se deve atribuir ao desenvolvimento e consolidação da cultura de risco entre os estudantes.

Palavras-Chave: Percepção de risco. Prevenção. Cultura de risco.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Defesa e Segurança Civil da Universidade Federal Fluminense. E-mail: beatrizcostasoares@gmail.com

²Doutor em Antropologia. Professor do Curso de Mestrado em Defesa e Segurança Civil da Universidade Federal Fluminense. E-mail: fernandocordeiro@uol.com.br



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL VIOLÊNCIA E CONFLITOS SOCIAIS: TERRITORIALIDADES E NEGOCIAÇÕES

Fortaleza-CE, 02 a 05 de dezembro de 2014.

ABSTRACT

The present study was developed from the Safe City Project of Itaboraí, with the partnership established between the Federal Fluminense University (UFF) - Master in Civil Defense and Security - and the Municipal Secretariat of Education and Culture of Itaboraí/RJ - Brazil, by taking as base the proposal of the Safe City Project, the International Strategy for Disaster Reduction (ISDR/UN), to make cities more resilient to disasters, building safer and sustainable communities. The municipal area of Itaboraí has been chosen, since the way in which has been developed turned out to generate thousands of risks for who inhabit the area. With the aim of identifying and mitigating such risks, by making this city to be more resilient, it was conducted a survey on who should be protected: the local population. According to the Civil Defense in Brazil, the educational systems should collaborate in promoting cultural change, related to participatory citizenship, with the overall safety of the population and with the reduction of disasters and vulnerability scenarios and populations at risk. Thereby, this work aims to contribute to the recognition of the importance which should be attributed to the development and consolidation of the risk culture in schools.

Keywords: Risk perception, Prevention, Risk culture.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto do estudo realizado no Curso de Mestrado em Defesa e Segurança Civil da Universidade Federal Fluminense(UFF), e desenvolvido a partir do PROJETO ITABORAÍ CIDADE SEGURA, que busca identificar e mitigar os riscos existentes no município de Itaboraí/RJ, localizado na região metropolitana do Rio de Janeiro, tornando o local mais resiliente.

O desenvolvimento e estabelecimento da chamada cultura de risco se torna necessário para a prevenção e mitigação de desastres, considerando as preocupações sociais com o risco e sua gestão.

O risco, de acordo com Veyret (2007, p.11) é definido como a percepção do perigo, da catástrofe possível, e não do desastre propriamente dito. O risco não existe se uma população ou indivíduo não percebe que poderia sofrer com seus efeitos, ou seja, o risco pode ser considerado a tradução de uma ameaça. Segundo a autora, a gestão dos riscos, sejam eles ambientais, industriais ou econômicos, ou seja, os riscos sociais, é o resultado das decisões políticas de organização dos territórios e das práticas econômicas.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL VIOLÊNCIA E CONFLITOS SOCIAIS: TERRITORIALIDADES E NEGOCIAÇÕES

Fortaleza-CE, 02 a 05 de dezembro de 2014.

Tomando-se como premissa que o trabalho de aumento da percepção de risco no Brasil passa pelas escolas, esse estudo visa contribuir para o reconhecimento da importância que se deve atribuir ao desenvolvimento e consolidação da cultura de risco entre os estudantes.

Tal proposição vai ao encontro da campanha internacional lançada pela Estratégia Internacional para Redução de Desastres, elaborada pela Organização das Nações Unidas (EIRD/ONU), em 2005, de promover e difundir a necessidade de redução de riscos de desastres a partir da conscientização nas escolas. Com o lema “A redução de desastres começa na escola”, a campanha tinha por objetivo fazer com que os riscos de desastres fossem objeto da educação formal, fazendo parte inclusive do currículo escolar.

Por sua vez, a Defesa Civil no Brasil, defende em sua doutrina de proteção e prevenção que os sistemas de ensino devem colaborar na promoção da mudança cultural, relacionada com a cidadania participativa, com a segurança global da população e com a redução dos desastres e das vulnerabilidades dos cenários e das populações em risco. Dessa forma, a doutrina da proteção e defesa civil poderia fazer parte dos conteúdos nos currículos escolares do primeiro e segundo grau, e nas atividades de ensino informal.

A articulação proteção e defesa civil e educação escolar pode propiciar a formação de uma consciência e uma cultura de risco. Isto em razão das escolas serem agentes por excelência de processos de socialização. Uma educação escolar que tenha a atenção também voltada para a percepção e o gerenciamento de riscos pode contribuir para o aprendizado de comportamentos subjetivos protetivos, uma vez que pode possibilitar a internalização de regras de conduta e normas sociais adequadas e condizentes com modos de agir precavidos e preventivos e, assim, contribuir para a formação de uma cultura de risco na sociedade brasileira.

A partir da análise dos resultados da pesquisa, pretende-se desenvolver uma metodologia para trabalhar a percepção de risco e o aumento da resiliência, que sirva como modelo para utilização da metodologia em outros municípios vulneráveis.

Para tanto, utilizou-se como instrumento de coleta de dados da pesquisa quantitativa, um questionário padronizado contendo perguntas sobre a conscientização sobre riscos de acidentes e desastres, aos alunos do Ensino Fundamental (2º segmento), aplicado a alunos – do 6º ano ao 9º ano, em cinco escolas do município de Itaboraí -



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL VIOLÊNCIA E CONFLITOS SOCIAIS: TERRITORIALIDADES E NEGOCIAÇÕES

Fortaleza-CE, 02 a 05 de dezembro de 2014.

totalizando 272 questionários utilizados no estudo. E realizada a pesquisa qualitativa, através de entrevistas junto à direção das cinco escolas envolvidas, de forma a propiciar possíveis esclarecimentos e a confirmação de dados significativos revelados através das respostas dos alunos aos questionários aplicados nas respectivas escolas.

2 RESULTADOS

Para fins de estudo, decidiu-se agrupar as escolas, considerando-se as características predominantes da área da sua localização. Assim passaram a ser tratadas em dois blocos, como *escolas da área rural* - Escola Municipal Geremias de Mattos Fontes e Escola Municipal Luzia Gomes de Oliveira, e *escolas da área urbana* - Escola Municipal Afonso Salles, Escola Municipal Guilherme de Miranda Saraiva e Escola Municipal Padre Hugo Montedônio Rêgo.

Objetivando uma melhor análise dos dados obtidos, sobre as situações consideradas mais perigosas na vida diária dos alunos, as respostas foram agrupadas, visando aglutinar, de certa forma, situações de perigo que guardem certa similaridade entre si, em seis categorias principais, de acordo com a sua origem: *Doméstico*; *Rodoviário*; *Origem Natural*; *Infraestrutura*; *Violência*; *Outros*. Foi considerado como “Doméstico”, aqueles perigos relacionados com: incêndio em casa; mexer com fogo, eletricidade; cozinhar, entre outros. Como “Rodoviário”, aqueles relacionados com: beira da pista; acidente de carro; atropelamento; atravessar uma rua sem sinal nem passarela; sinalizações erradas; andar de bicicleta, de moto; entre outros. Como situações perigosas de “Origem Natural”: morar em um lugar com risco de enchentes; tráfego em locais de serras em dia de chuva; entre outros. Como situações perigosas relacionadas à “Infraestrutura”: buracos e máquinas nas ruas; cair no poço; as ruas cheias de mato; valão de água parada; má conservação das escolas; bueiros, entre outros. Como “Violência”: morte; invasão da escola; tiroteio; ir e voltar da escola; pegar ônibus; assalto; sequestro; bala perdida; perder a família; ficar na rua até tarde; ficar em casa sozinho; furto; andar sozinha a noite; confrontos com polícia e bandidos; falar com estranhos; estupro; roubo; bullying; ser testemunha de um assassinato; má iluminação pública; estar dentro do colégio; falta de policiais nas ruas; ir à igreja e voltar à noite, entre outros. Como “Outros”: soltar pipa; dengue; se jogar no rio; fazer trilha no mato; doenças; ar tóxico; entre outros.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL VIOLÊNCIA E CONFLITOS SOCIAIS: TERRITORIALIDADES E NEGOCIAÇÕES

Fortaleza-CE, 02 a 05 de dezembro de 2014.

As respostas são dadas pelos próprios alunos e apresentam um formato e característica peculiar à idade e à percepção de mundo dos mesmos. Há situações, em maior parte, em que as respostas dos alunos estão relacionadas ao seu cotidiano, como a vivência em casa, na vizinhança e no bairro, a vida escolar e ao trajeto casa-escola, bem como às brincadeiras infantis e ao lazer comunitário. Há ainda respostas que estão relacionadas ao conhecimento de desastres a partir de noticiários veiculados pelos meios de comunicação, como jornal, rádio, televisão e internet. A complexidade da classificação é ainda mais evidente na categoria “outros”, que abarca uma série de situações díspares de pouca ocorrência de respostas.

Com relação aos dados sobre a identificação dos alunos, observou-se, na área urbana, um maior percentual de alunos no 7º ano e na faixa etária de 10 a 13 anos. Na área rural, o maior percentual de alunos frequentava o 8º ano, na faixa etária entre 14 e 18 anos. E, ambas as áreas, evidenciaram maior participação feminina. Na área rural, 62,6% são do sexo feminino e, na área urbana 58,4% são do sexo feminino.

Na análise dos dados referentes às situações consideradas perigosas na vida diária dos alunos, verifica-se uma diferença percentual significativa entre as duas áreas. Os alunos da área rural, consideram os *Rodoviários* as situações mais perigosas de sua vida diária, as maiores ameaças (38,4%). Para os alunos das escolas na área urbana as situações mais perigosas na vida diária, referem-se à *Violência* (61,6%).

Com referência às demais situações perigosas da vida diária, observa-se que a *Violência* (32,0%) é a segunda situação considerada mais perigosa na área rural. Enquanto, na área urbana verifica-se que o *Rodoviário* (20,9%) é a segunda situação mais perigosa para os alunos. Há, portanto uma inversão de posição em relação as duas situações conforme a área.

Entende-se como atividades relacionadas ao cotidiano dos alunos: frequentar a escola; ir e voltar da escola - o trajeto diário entre casa e escola feito pelo aluno sozinho ou acompanhado de um familiar, à pé, de bicicleta ou de ônibus; brincar em casa e no seu entorno; permanecer em casa, sozinho ou acompanhado de familiar; realizar tarefas domésticas; frequentar a igreja, entre outras. Na área rural, o perigo *Doméstico* (11,4%) apresenta, também, uma diferença percentual significativa com referência à área urbana (2,3%). Com referência aos resultados sobre a percepção do aluno em relação ao local que ele se sente mais seguro e menos seguro no seu cotidiano, não se observou uma diferença percentual significativa entre os alunos da área rural e da área urbana. Em



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL VIOLÊNCIA E CONFLITOS SOCIAIS: TERRITORIALIDADES E NEGOCIAÇÕES

Fortaleza-CE, 02 a 05 de dezembro de 2014.

ambas as áreas o local mais seguro foi considerado *em casa*, pelos alunos da área rural (88,9%) e da área urbana (87,0). Quanto ao local que se sente menos seguro, a maioria dos alunos das duas áreas considera *a rua*. Sendo (60,8%) alunos da área rural e (68,2%) alunos da área urbana e o segundo local em que os alunos se sentem menos seguro é *na escola*, seja na área rural (20,1%), ou na área urbana (20,2).

Na análise dos dados quanto à questão sobre se já passaram por situação de perigo, a maioria dos alunos das escolas situadas nas duas diferentes áreas, responderam *Não*. E quanto à resposta sobre qual situação de perigo que já passaram, observou-se uma diferença percentual significativa. Um maior percentual dos alunos da área rural se refere a *Rodoviário* (35,0 %), como a principal situação de perigo pela qual já passaram. E a maioria dos alunos da área urbana respondeu, como sendo a principal, a *Violência* (45,6%). Para os alunos da área rural, a *Violência* (32,0%) representa também uma situação de perigo expressiva pela qual já passaram. Na área urbana verifica-se que o *Rodoviário* (19,1%) é a segunda situação mais perigosa para os alunos. Observou-se que 22,7% dos alunos da área rural já passou por situação de perigo *Doméstico*, e 17,4% dos alunos da área urbana, informou esse mesmo tipo de perigo.

Na análise da questão respondida pelo aluno sobre *quem ele chamou na situação de perigo*, verificou-se que a maioria dos alunos chamou por *familiar*, tanto da área rural (47,4%) quanto da área urbana (38,3%). E chamaram por *Deus*, 24,8% dos alunos na área rural e, 20,4% dos alunos na área urbana. Na área rural, 22,6% dos alunos respondeu que não chamou por *ninguém* e 8,5% dos alunos da área urbana não chamou por *ninguém*. Chamou por *amigos*, 6,3% dos alunos da área urbana e 1,1% dos alunos da área rural. E chamaram pela *polícia*, apenas alunos da área urbana (2,8%).

Quanto à questão sobre se os alunos já ouviram falar de desastre, as respostas foram afirmativas (*Sim*), tanto dos alunos da área urbana (98,9%), quanto da área rural (98,7%). E a maioria dos alunos, 48,4% da área urbana e, 38% da área rural, respondeu que foi através da *TV* que *já ouviu falar sobre desastre*. Ouviram falar sobre desastres através da *Escola* 17,3% dos alunos da área urbana, e 13,6% dos alunos da área rural. Sobre a questão se gostariam de aprender como se proteger de acidentes e desastres, 100% dos alunos da área rural responderam que *Sim*, assim como 98,8% da área urbana.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL VIOLÊNCIA E CONFLITOS SOCIAIS: TERRITORIALIDADES E NEGOCIAÇÕES

Fortaleza-CE, 02 a 05 de dezembro de 2014.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados da pesquisa apresentados revelam que a maior parte dos alunos entrevistados das cinco escolas da rede pública de ensino do Município de Itaboraí, que fazem parte deste estudo, tem a percepção de riscos de desastres relacionada ao cotidiano e à vida social do ambiente onde vivem. A questão da violência, que faz parte da realidade cotidiana desses alunos, é a que tem mais destaque nas respostas dos alunos das escolas na área urbana sobre percepção de perigo e sobre situação de perigo ocorrida, embora também seja significativa para os alunos da área rural. Ou seja, há inclusive uma associação direta entre percepção e ocorrência. A percepção dos alunos de Itaboraí como um lugar violento é plenamente justificada, pois as taxas de criminalidade e violência do município são elevadas como revelam estudos de Cano (2004) e Araujo et al. (2012).

Outrossim, a percepção de perigos rodoviários merece destaque entre os alunos da área rural, embora seja, também, significativa entre os alunos da área urbana, situação que guarda relação também com o cotidiano do município, que é cortado por diversas rodovias e que apresenta um alto índice de desastres. As duas escolas situadas na área rural que fazem parte dessa pesquisa, localizam-se bem próximas a rodovias de grande fluxo. Sobre desastres relacionados ao trânsito em Itaboraí Araujo et al. (2012, p. 28), ao elaborarem um diagnóstico sobre a COMPERJ – Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro, afirmam:

[...] os problemas relacionados ao trânsito são frequentemente ressaltados pelos atores de Itaboraí. O município apresenta uma área com grande número de acidentes e atropelamentos, em razão da má qualidade das vias públicas, grande número de veículos, ausência de sinalização e de passarelas para os pedestres.

Apesar de mais de 80% dos alunos entrevistados afirmarem que a casa é o lugar onde mais se sentem seguros, há um percentual expressivo de alunos que afirmam já ter vivenciado perigo na esfera domiciliar, mais precisamente 22,7% dos alunos da área rural e 17,4% dos alunos da área urbana. Os acidentes domésticos não são raros, especialmente com crianças, estando relacionados com o comportamento familiar e seu estilo de vida, bem como a aspectos culturais, sociais e econômicos e ainda a fases específicas de formação das crianças, conforme Souza (2000).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL VIOLÊNCIA E CONFLITOS SOCIAIS: TERRITORIALIDADES E NEGOCIAÇÕES

Fortaleza-CE, 02 a 05 de dezembro de 2014.

A percepção de risco dos alunos de Itaboraí está, dessa forma, relacionada ao cotidiano vivenciado por eles. A análise dos dados da pesquisa realizada está, portanto, em consonância com a argumentação teórica da antropóloga Mary Douglas (2012), que em seu livro “Risco e Cultura” compreende a percepção de risco a partir do contexto cultural no qual os sujeitos se encontram inseridos. Nesse enfoque teórico, a percepção de risco é um processo social em que cada sociedade e determinado grupo social realiza, a partir de experiência vivenciada, uma combinação entre confiança e o risco que se tem que enfrentar, hierarquizando inclusive os riscos. Dessa forma, se para uns os riscos mais graves são de origem tecnológica, como o grau de poluição, para outros, os riscos que os afetam são de ordem social, como a violência e os acidentes de trânsito.

4 CONCLUSÃO

O presente estudo visa contribuir para a relevância do desenvolvimento da *cultura de risco*, que consiste na aquisição de conhecimentos para a prevenção e autoproteção, com relação a situações de riscos e desastres, a partir da escola, através da implementação de ações que favoreçam a conscientização e sensibilização dos estudantes e, por conseguinte, de suas respectivas famílias e da comunidade que fazem parte.

Nesse contexto, pode-se observar que a pesquisa científica, ainda escassa nessa temática, torna-se necessária, pois através dela são revelados dados, que disponibilizados aos diversos setores da sociedade, contribuem efetivamente para a produção de conhecimento e para geração de uma mudança de comportamento da sociedade com relação a uma cultura de prevenção e percepção de risco, e consequente redução da vulnerabilidade frente aos desastres. Através de programas tecnicamente orientados pelos órgãos competentes da Defesa Civil, e com a contribuição acadêmica das diversas instituições de ensino, como a universidade, é possível desenvolver o aumento da conscientização da população sobre riscos e desastres, e sobre a importância da sua participação junto ao poder público local, em todo o processo para a mudança cultural referente a essa temática.

Após análise dos dados obtidos através desta pesquisa, pode-se ressaltar o papel fundamental da escola na conscientização da população sobre situações de riscos,



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL VIOLÊNCIA E CONFLITOS SOCIAIS: TERRITORIALIDADES E NEGOCIAÇÕES

Fortaleza-CE, 02 a 05 de dezembro de 2014.

propiciando, desde a infância, uma sensibilização para o desenvolvimento da Cultura de Risco e sobre a necessidade da participação da sociedade civil.

Os alunos, quase na sua totalidade, revelaram que gostariam de aprender como se proteger de acidentes e desastres. Desse modo, pretende-se que o presente estudo, contribua para o desenvolvimento de uma metodologia para atuar junto às escolas em Itaboraí, tendo em vista a parceria estabelecida com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, através da Subsecretaria de Ensino, objetivando a sensibilização para o aumento da percepção de risco e da resiliência, visando a redução dos desastres e das vulnerabilidades em populações em situação de risco, metodologia essa que possa vir a ser ampliada e utilizada em escolas de outras regiões.

Através desse estudo preliminar, pode-se reconhecer a relevância de uma pesquisa desenvolvida numa escola, pois propicia uma ampliação do universo da percepção dos dados, considerando um ambiente de formação, no qual os alunos e profissionais possuem um envolvimento direto com as famílias e com a comunidade onde estão inseridos. A escola não pode mais ser vista apenas como um abrigo provisório em situação de desastre, mas sim como um local para desenvolvimento de conhecimentos objetivando a mudança de comportamento da população para a cultura de prevenção.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuelle Silva, et. al. **Análise Preliminar do Impacto do COMPERJ na Segurança Pública**. 2012. Disponível em <<http://www.isp.rj.gov.br/revista/download/Rev20120306.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2014.

BARBOSA, Katia Mariana Holanda. **Análise da percepção dos professores do ensino fundamental sobre riscos de inundações e alagamentos em escolas localizadas no município de Itaboraí/RJ**. 2013. 42f. Dissertação [Mestrado em Defesa e Segurança Civil] - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2013. Disponível em: <<http://www.defesacivil.uff.br/images/documentos/Dissertacoes/Katia%20Mariana%20Barbosa%20-%202013.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2014.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL VIOLÊNCIA E CONFLITOS
SOCIAIS: TERRITORIALIDADES E NEGOCIAÇÕES

Fortaleza-CE, 02 a 05 de dezembro de 2014.

BECK, Ulrich- **Sociedade de Risco**: rumo a uma outra modernidade. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2010.

BRASIL. Departamento Nacional de Trânsito. **Diretrizes Nacionais da Educação para o Trânsito no Ensino Fundamental**. Disponível em:
<http://www.denatran.gov.br/download/Portarias/2009/PORTARIA_DENATRAN_147_09_ANEXO_II_DIRETRIZES_EF.pdf>. Acesso em: 4 out. 2014.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 2 jun. 2014.

_____. Lei nº 9394, 20 dez. 1996. **Lei de diretrizes e bases da educação brasileira (LDB)**. Brasília: Imprensa Nacional, 1996. Disponível em
<<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/LegisBasica.pdf>>. Acesso em: 4 set. 2014.

_____. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil. (SEDEC). Disponível em:
<<http://www.integracao.gov.br/web/guest/sedec/apresentacao>>. Acesso em: 5 out. 2014.

CANO, Ignácio; SENTO-SÉ, João Trajano; RIBEIRO, Eduardo. **Mapeamento da Criminalidade na Área Metropolitana do Rio de Janeiro**, 2004. Disponível em:
<http://www.lav.uerj.br/docs/rel/2004/map_crim_rio_2004.pdf>. Acesso em: 10 out 2014.

CLASSIFICAÇÃO E CODIFICAÇÃO BRASILEIRA DE DESASTRES (COBRADE). Disponível em:
<http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=2a09db34-e59a-4138-b568-e1f00df81ead&groupId=185960>. Acesso em: 28 out. 2014.

DOUGLAS, Mary; WILDAVSKY, Aaron. **Risco e cultura**: um ensaio sobre a seleção de riscos tecnológicos e ambientais. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

ESTRATÉGIA INTERNACIONAL PARA REDUÇÃO DE DESASTRES (EIRD/ONU). Marco de Acción de Hyogo para 2005-2015: aumento de resiliencia de las naciones y de las comunidades ante los desastres. In: Conferencia Mundial sobre la Reducción de los Desastres, 1, 2005, Japão. **Relatório...** Japão, 2005, p. 6-29. Disponível em: <<http://www.unisdr.org/eng/hfa/docs/Hyogo-framework-for-action-spanish.pdf>>. Acesso em: 8 mar 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades@ on line**. Disponível em
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=330190&idtema=2&search=rio-de-janeiro|itaborai|ensino-matriculas-docentes-e-rede-escolar-2009>>. Acesso em: 10 ago. 2014.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL VIOLÊNCIA E CONFLITOS
SOCIAIS: TERRITORIALIDADES E NEGOCIAÇÕES

Fortaleza-CE, 02 a 05 de dezembro de 2014.

LIMA, João Nilo de Abreu. **DEFESA CIVIL NA ESCOLA**. 2006. Monografia [Especialização em Planejamento e Gestão em Defesa Civil] - Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres/CEPED. Florianópolis, SC, 2006. Disponível em: <http://www.ceped.ufsc.br/sites/default/files/projetos/Monografia_JoaoNilo.pdf>. Acesso em: 27 out. 2014.

ONU-HABITAT; UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **M744 Monitoramento de indicadores socioeconômicos nos municípios do entorno do Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro: COMPERJ: boletim eletrônico de acompanhamento regional: 2000-2010**. Niterói: Editora da UFF, 2012.

ONU-HABITAT; UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE . **M744 Monitoramento de indicadores socioeconômicos nos municípios do entorno do Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro: COMPERJ: boletim eletrônico de acompanhamento no município de Itaboraí: 2000-2011**. Niterói: Editora da UFF, 2013.

PORTAL DA PREFEITURA DE ITABORAÍ. Disponível em <http://itaborai.rj.gov.br/novosite/nossa_cidade/nossa-historia/>. Acesso em: 6 set. 2013.

SILVA, Alexandra; FIGUEIREDO, Elisabete. Contributos para o desenvolvimento de Cultura de Risco na Infância – O caso de duas Escolas Básicas do Distrito de Aveiro. In: Congresso Português de Sociologia, 7, 2012, Porto. **Anais...** Porto: Faculdade de Letras/Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2012. 24p.

VALENCIO, Norma, et. al. (Orgs.). **Sociologia dos desastres** - construção, interfaces e perspectivas no Brasil. São Carlos, SP: RiMa Editora, 2009.

VEYRET, Yvette (Org.). **Os riscos: o homem como agressor e vítima do meio ambiente**. tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2007.